

Economia - Fase delicada

Brasil

Haroldo Hollanda

O deputado e ex-ministro Delfim Neto, presidente do PDS, não disfarça seu pessimismo em face da política econômica em execução. Ele acha que estamos assistindo a uma sucessão de erros, os quais culminaram agora com a edição da medida provisória em que a equipe econômica procurou estabelecer uma nova política salarial. A medida repete experiência feita durante o governo Castelo Branco, e irá penalizar o trabalhador brasileiro. Na opinião de Delfim, não são os salários, mas o déficit público o que empurra para o alto a inflação. Nas suas projeções, ele calcula que o Governo, através de uma série de artifícios, tem condições de, até a data das eleições, segurar a inflação entre índices que podem variar de 10% a 14%. Depois, será imprevisível o que virá a acontecer. Delfim Neto elogia a política industrial, ponderando que sem a abertura do comércio exterior não será possível ao País se liberar dos problemas que tolhem seu desenvolvimento. Mas, diz que todo esse esforço pode ser posto a perder, porque a equipe econômica ainda não se apercebeu das falhas da política cambial por ela praticada, aplicando uma taxa do dólar defasada de 15% em relação ao seu valor real. Essa situação, de acordo com seu julgamento, poderá levar o programa de estabilidade econômica a um beco sem saída.

Ele critica o secretário Antônio Kandir e diz que o único na equipe do atual governo a se dar conta das dificuldades presentes é o presidente do Banco Central Ibrahim Eris.

Já o deputado César Maia, do PDT, economista como Delfim Neto, sustenta o ponto de vista de que o próximo mês de julho pode ser decisivo para o plano econômico. Segundo suas análises, o Governo precisa sustentar a inflação em torno dos 10% com variações pequenas para baixo ou para cima. Maia considera isso perfeita-

mente viável, através de uma rígida política monetária. Mas avverte que, após passadas as eleições, o País terá de fazer uma opção entre enfrentar uma profunda depressão ou o mergulho num clima de hiperinflação. O caminho intermediário poderia ser alcançado, no entender de César Maia, através de um pacto político.

Quando perguntado se Brizola estaria disposto a assumir os ônus de um pacto dessa natureza, respondeu o deputado: "Se ele não aceitar o pacto, correrá o risco de ser atropelado pelos acontecimentos..."

Desencanto

O deputado baiano Francisco Pinto, uma das figuras históricas do PMDB, vive uma fase de desencanto com a política. Ele não exclui dos seus projetos a idéia de dar por encerrada sua carreira política. O partido, para Chico Pinto, se encontra hoje sem poder se definir, pois metade dos seus parlamentares está com o Governo, enquanto a outra banda faz oposição.

O deputado Ulysses Guimarães revelou interesse em fazer uma reunião da Executiva Nacional do PMDB, cuja maioria dos seus integrantes renunciou e os cargos vagos não foram sequer preenchidos. "Reunir para o quê?", perguntou Chico Pinto, sem encontrar resposta.

Críticas

O deputado pernambucano Egídio Ferreira Lima, do PSDB, não gostou do gesto dos líderes de seu partido, deputado Euclides Scalco e senador Fernando Henrique Cardoso, que concordaram em tomar o café da manhã com o presidente Fernando Collor de Mello. Para Egídio, foi muito arriscada para esta fase a posição assumida pelos dois líderes, pois podem transmitir à opinião pública uma atitude de dubiedade do partido frente ao Governo Federal.